

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Cão dos Baskervilles

Sir Arthur Conan Doyle



leon



TRALHASUARIAS.BLOGSPOT.COM

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Cão dos Baskervilles

Sir Arthur Conan Doyle



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Cão dos Baskervilles

Sir Arthur Conan Doyle

EDITORIAL  PUBLICA

Tradução de Maria Auta de Barros

Copyright © 1977, 1985 by Pandulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela

EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Pista Mistral, 8-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Texttype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 510

Assado de imprimir em Novembro de 1985

Deposito Legal n.º 9843/84



O Autor

Sir Arthur Conan Doyle, romancista inglês, nasceu em 1859 e foi feito cavaleiro em 1902. Foi educado no Stonyhurst College, na Alemanha e na Universidade de Edimburgo. Fez o bacharelato em Medicina em 1881 e licenciou-se em 1885. Antes de ser escritor, exerceu a profissão de médico em Southsea, Inglaterra.

Em 1891 alcançou grande popularidade com «As Grandes Aventuras de Sherlock Holmes». Essas histórias seguem as aventuras de Sherlock Holmes que investigava crimes e mistérios complicados com raro talento.

«O Cão dos Baskervilles» é, possivelmente, o caso mais famoso dessa personagem. Passado nas charnecas do norte da Inglaterra, combina a atmosfera do estranho e sobrenatural com a emoção do trabalho de detective.

Embora as suas histórias tenham sido muito imitadas, nenhuma delas porém alcançaram tanto êxito como as de Sherlock Holmes.

Sir Arthur Conan Doyle

O Cão dos Baskervilles

Adaptação
JOHN HOWARD FAGO

Ilustração
E.R. CRUZ

Produção
VINCENT FAGO



Sir Henry
Baskerville



Jack
Stapleton



Sherlock
Holmes

Dr. Watson



Beryl Stapleton



Dr. Mortimer



O meu nome é Dr. Watson e sou grande amigo de Sherlock Holmes, o famoso detective.

Uma manhã, fui encontrar o Sr. Holmes a tomar o pequeno-almoço, no nosso apartamento em Londres.

Uma bengala, deixada por um visitante que nos procurara na noite anterior, chamou-me a atenção.

Então, Watson, que acha?



Esta bengala foi dada a um Dr. James Mortimer, pelos seus amigos do C.C.H., 1884.

É, sem dúvida, um médico de aldeia. E os «amigos do C.C.H.» são membros de um clube de caça que ele ajudou.



Watson, está a exceder-se.



Confesso que estas palavras me deram grande prazer. Com alguma presunção perguntei:

Deixei escapar alguma coisa, Holmes?





Com efeito deixou, Watson. São os seus erros que, por vezes, me levam à verdade. O homem é um médico de aldeia que anda muito a pé.



Repare que a data é de há 5 anos atrás. Um bom médico de cidade não se muda para a aldeia.

O Dr. Mortimer parece ser novo, menos de 30 anos, simpático, distraído e dono de um cão pequeno.



Claro! É um «spaniel»* de pêlo crespo!

Meu amigo, como pode estar certo disso?



Porque estou a ver o cão à entrada. E agora estou a ouvir o dono a bater à porta.

* cão britânico de caça a tiro

O Dr. Mortimer vestia um fato limpo, mas amarrutado. Dava-lhe o ar simpático que Holmes adivinhara. Ao entrar, a primeira coisa que viu foi a sua bengala.



E agora, Dr. James Mortimer...



Que bom. Não queria perdê-la por nada deste mundo.



Sei que falo com um homem inteligente.



Leio bastante, Sr. Holmes.

Holmes calou-se, mas os seus olhos demonstravam interesse pelo visitante.

Vim falar-lhe porque tenho um problema que não posso resolver sozinho.



Este documento foi-me dado por Sir Charles Baskerville. Talvez saiba que ele morreu de repente, há três meses.



É uma lenda* sobre a família Baskerville. Vou ler-lha.



«Aprendeí com esta história a não temer o mal feito pela família no passado, mas a ser cuidadoso com o futuro. Isso pode proteger-nos da maldição** que persegue a família.»



* tradição popular

** desejo expresso por outra pessoa e que, muitas vezes, traz o mal

A história do
Cão dos
Baskervilles
recua até Hugo
Baskerville, um
homem cruel
que viveu na
velha Mansão.

Uma noite, juntou-se a uns
malfeitores e raptou a filha de um
lavrador dali perto. O pai e os
irmãos dela estavam ausentes.



A rapariga foi trancada num
quarto, enquanto Hugo e os
seus amigos passaram a noite
a beber.



Levada pelo medo, a
rapariga fugiu para
casa pelos campos fora.



Quando
Hugo foi
procurar a
rapariga,
descobriu
que ela
fugira.
Irrado,
chamou os
cães.



Aos gritos,
jurou dar a
alma ao diabo
se apanhasse a
rapariga,
e desapareceu
na noite.



Quando os seus amigos o
alcançaram,
encontraram também os
cães juntos num pequeno
vale estreito.



Só três homens se
atreveram a
avancar. À luz da
lua viram a
rapariga morta.
Perto estava o
corpo de Hugo e um
cão gigantesco que
lhe rasgava a
garganta.

Nunca tinham visto um animal tão
assustador. Fugiram da
charneca* a correr e aos gritos.



* terreno inculto e irregular

De um jornal de Devon County deste ano. «A morte do Sir Charles Baskerville veio anchar de tristeza a região.»

«Ele era bom e generoso. Tinha grandes planos para mudar a vida das gentes de Devonshire.»



«A 14 de Março, Sir Charles foi dar o seu passeio habitual. Como não voltou, Barrymore, o mordomo, foi procurá-lo.»

«Encontrou o corpo de Sir Charles no jardim. Não havia sinais de luta, mas a sua cara estava deformada pelo medo.»



O relatório médico dava como causa da morte uma doença cardíaca. Esperava-se que isso pusesse fim às histórias a respeito da sua morte.

Esses são os factos públicos. Conte-me os privados!



Meses antes da sua morte, tornara-se evidente que Sir Charles estava à beira do colapso. Tomara a lenda da família a sério.

O medo era tanto, que nada o fazia ir à charneca durante a noite.



Perguntou-me se, nas minhas visitas nocturnas, vira uma criatura estranha ou ouvira um cão a uivar.

Um dia, Sir Charles veio receber-me à porta. De repente, o seu rosto encheu-se de horror. Voltei-me a tempo de ver o que parecia ser um bezerro preto.



Na noite da morte de Sir Charles havia pegadas ao lado do corpo.



De homem ou de mulher?

Sr. Holmes, eram pegadas de um cão gigantesco!



O portão era o único acesso da charneca ao jardim. Observando o chão concluí que Sir Charles estivera ali entre 5 a 10 minutos.



Como sabe isso?

Porque a cinza caíra duas vezes do seu charuto.

Muito bem! Eis um homem que nos agrada!



Outros viram na charneca
uma criatura que parecia o
Cão dos Baskervilles.



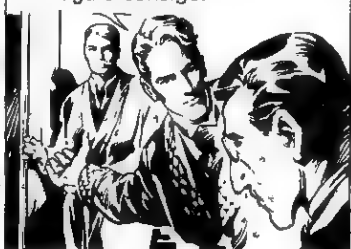
Todos falam numa coisa
horrível como o animal da
lenda. Só um louco
atravessaria a charneca de
noite!



O meu problema está em ter de ir
buscar o único parente de
Sir Charles que chega do Canadá.
Mas tenho medo de levá-lo para
a Mansão Baskerville.



Tome uma carruagem e vá à
estação buscá-lo. Não lhe fale
nisto. Volte amanhã de manhã
e traga-o consigo.



Holmes
embrenhou-
se nos seus
pensamentos
e eu deixei-o
só.





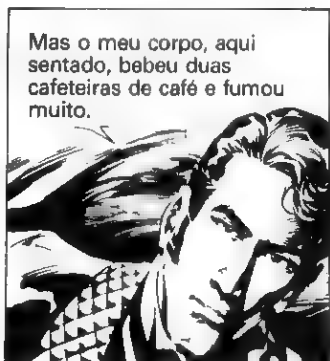
À noite, quando voltei, parecia ter havido um incêndio. O quarto estava cheio de fumo.

Constipou-se, Watson?

Não, é este fumo horrível!



Mandei buscar estes mapas da charneca. O meu espírito tem viajado todo o dia.



Mas o meu corpo, aqui sentado, bebeu duas cafeteiras de café e fumou muito.



Que descobriu?

Que um velho de fraca saúde esteve ao pé de um portão numa noite húmida...



Por quem esperou e porquê? Agora vou tocar violino e deixar de pensar nisto até amanhã.

No dia seguinte...

Muito prazer,
Sr. Holmes.
Constou-me que
resolve mistérios.
Vivi um esta manhã.

Gostaria
de ouvi-lo.



Tenho vivido nos
Estados Unidos e
no Canadá, mas
suponho que não
seja vulgar aqui
desaparecerem
as botas nos
quartos dos
hotéis.

É estranho!
Reparou se
era vigiado
ou seguido?



Não, mas recebi uma carta
curiosa. Era formada por
letras recortadas de um
jornal e coladas. Dizia...

«Se preza a sua vida,
afaste-se da charneca.»
Porque me haveriam de vigiar
ou seguir?



Veremos.
Enquanto vejo
a carta, o
Dr. Mortimer
podia contar a
Sir Henry a
história dos
Baskervilles.



É demasiado para ser compreendido de uma só vez. Sr. Holmes e Dr. Watson venham almoçar comigo ao hotel.

Com muito gosto!

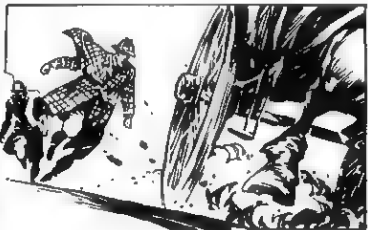
As visitas saíram. De sonhador Holmes passou a homem de acção.

Depressa, o chapéu e a capa, Watson! Não há tempo a perder!

Seguimo-los até à rua Oxford e depois até à rua Regent.

Ali está o nosso homem, Watson! Rápido! Venha! Vamos vê-lo de perto!

Da janela da carruagem olhava-nos um homem de farta barba preta. Gritou ao condutor e a carruagem partiu pela rua Regent abaixo.



Foi pena
que nos
visse e
fugisse.

Vamos a
uma galeria
de arte até
irmos ter com
Sir Henry.



*Durante duas horas só
falámos de quadros.*



*Quando chegámos
ao quarto do hotel
de Sir Henry...*



Não percebo os
criados daqui. Na
noite passada
levaram-me uma
bota castanha
nova e hoje uma
preta velha!

Nunca me
aconteceu nada
tão estranho!



É um caso muito
esquisito, mas
agora temos
várias pistas.
É possível que
uma delas nos leve
à verdade.

Ao almoço, Holmes perguntou quais os planos de Sir Henry.

Ninguém me impedirá de ir à casa da minha família.



Claro, Sir Henry, mas não deve ficar lá só.

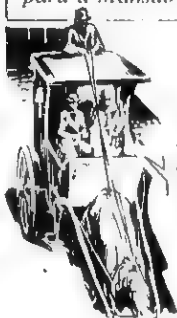
Quem acha que me deva acompanhar?

Se Watson quiser, não arranjarei melhor companheiro.



Terei prazer em ir.

Decidimos partir no sábado para a Mansão Baskerville.



Nada mais interessante do que um caso difícil! Boa sorte na Mansão Baskerville.

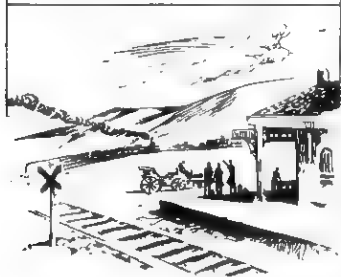
Mande notícias. Relate-me tudo o que descobrir.



Lembre-se do aviso da lenda, Sir Henry. Não vá à charneca de noite!



*A viagem foi agradável.
Surpreendeu-me, porém, ver
dois soldados na estação.*



*A cada
curva da
estrada,
Sir Henry
parecia
mais
contente.
Tudo era
maravilhoso
Até que o
Dr. Mortimer
viu outro
soldado.*



*Que vem a ser
isto, Perkins?*



*Fugiu um homem da
cadeia. Os soldados
andam a procurá-lo. Foi
Selden, o assassino de
Notting Hill!*

*Lembrava-me
do caso. Fora
sangrento. Um
vento frio
passou por nós
e até Sir Henry
se calou.*

*A casa era
uma ruína.
Em frente dela
havia uma nova
mansão, meio
construída, que
era obra de
Sir Charles.*



*Não admira que o
meu tio tivesse
medo. Dentro de 6
meses terei luz
eléctrica até à porta
principal!*

Bem-vindos
à Mansão
Baskerville!

Barrymore, o
mordomo, e a sua
mulher vieram
receber-nos.

Com muitos
candelabros e
uma grande
família à
mesa, a velha
casa de jantar
talvez tivesse
sido alegre.
Mas esta noite
estava muito
triste.

Meu Deus! Que
casa tão escura!

É tarde e estamos
cansados.
Amanhã talvez
nos pareça mais
alegre.

Dei voltas e voltas e dormi muito
mal. Cheguei a pensar que
ouvira uma mulher soluçar...

A beleza
da manhã
seguinte
foi uma
agradável
mudança.

Pareceu-me
ouvir, mas
pensei que
estava apenas
a sonhar.

... mas ao tentar escutar,
apenas ouvi o bater do
relógio e o vento lá fora.

Ouviu uma
mulher
chorar
ontem à
noite?

Ao pequeno-almoço, Sir Henry perguntou a Barrymore se ouvira alguma coisa.

Não, senhor.
Não foi a
minha mulher.



Mas quando encontrei a
Sra. Barrymore vi que ela tinha
os olhos vermelhos de chorar.

Mais tarde, fui
passear pela
charneca. Logo
encontrei uma
das poucas
pessoas que
viviam perto da
Mansão.

Desculpe.
Eu sou Stapleton,
da Casa Merripit.



Deduzi isso
pela caixa e
pela rede. O
Dr. Mortimer
disse-me que
estudava ani-
mais. Eu sou
o Dr. Watson.

Stapleton
convidou-me a
visitar a casa e a
conhecer a sua
irmã. Aceitei com
prazer. Mas
quando o
acompanhava ouvi
um som estranho.

O que foi isto?

A charneca é
um lugar
estranho.



Um gemido longo e muito triste ecoou pela charneca.

Mas o que é isto?

Dizem que é o Cão dos Baskervilles. Já o ouvi, mas nunca tão alto.



Continuámos e Stapleton falou-me do povo esquecido da região.

Em tempos viveram na charneca homens pré-históricos*.



*Também me falou do atoleiro** de Grimpen e preveniu-me.*

Um passo em falso é a morte! Mas é lá que estão as plantas e as borboletas raras. Veja! É uma cyclopides***!



Uma mosca ou uma mariposa passara por nós. Logo Stapleton foi atrás dela.



Vi Stapleton afastar-se. Ao ouvir o som de passos, voltei-me e vi uma mulher perto de mim.



* anterior à escrita

** lugar onde há lama mole e profunda

*** espécie de mariposa

Tem de sair deste lugar!

Mesmo agora cheguei!



Shhh! O meu irmão vem aí!

Olá, Beryl! Fui atrás de uma cyclopides. São muito raras no Outono, como sabes.



Estava a dizer a Sir Henry que já é tarde para ver as belezas da charneca.



Eu não sou Sir Henry! Sou amigo dele. O meu nome é Dr. Watson.

Vamos ver a Casa Merripit?

Não pude deixar de pensar o que levara aquele homem e aquela mulher a viverem ali.



Tínhamos uma escola,
mas tivemos de encerrá-la.
Sou feliz com o meu
trabalho aqui.



Não é monótono
para a sua
irmã?

Nunca me aborreço.
Temos livros e estudamos.
Mas sinto muito a falta de
Sir Charles.



*Pouco depois, voltei para casa pelo
mesmo caminho. Surpreendeu-me
encontrar Beryl Stupleton à minha
espera.*



*Tomara um atalho para me poder
apanhar. Rogou-me que levasse
Sir Henry dali. Perguntei-lhe porque
não queria que o irmão soubesse.*

O meu irmão quer a
Mansão habitada para
bem dos pobres da
charneca. O meu desejo
deixá-lo-ia zangado.



*Quando se afastou,
deixou-me uma
grande sensação de
medo.*

Mais tarde, Stapleton passou pela Mansão para conhecer Sir Henry. Convidou-nos para jantar no dia seguinte.



Na manhã seguinte, levou-nos ao local onde começara a lenda de Hugo Baskerville.



O jantar com os Stapleton correu bem. Era visível que Sir Henry simpatizava com Miss Stapleton. O sentimento parecia ser correspondido.



Não pude deixar de anotá-lo no relatório para Holmes.



Embora pareçam gostar um do outro, não creio que Stapleton os deixe virar a amar-se. Ele ficaria muito só sem ela. Mas é egoísmo dele gostar-se a um casamento tão bom.

*Acordei a meio da noite.
Alguém ia a passar em frente à
minha porta.*



*O contorno e o
peso diziam-me
que era
Barrymore.
Havia mistério
na maneira
como andava.*



*Segui-o até
um quarto
vazio no
fundo do
corredor.*



*Ficou um bocado ao pé da
janela e depois apagou a
vela. Voltei para o meu
quarto.*

*De manhã fui visitar o quarto.
Verifiquei que dava para a
charneca. Barrymore estivera a
fazer sinal para alguém que
estava lá!*



*Quando falei nisto a Sir Henry,
ele não se surpreendeu.*



*Sim. Ouvi passos
a essa hora várias
vezes.*

*Será que
acontece
todas as
noites?*

Acho que devíamos aprofundar isto!

Muito bem! Esperamos à noite no meu quarto que ele passe.



Nessa manhã, Sir Henry preparava-se para dar um passeio pela charneca.



Vem comigo, Watson?

Sabe as ordens que Holmes deu. Não deve ir só para a charneca!

Meu caro Watson, eu vou encontrar-me com Miss Stapleton! Preciso de estar a sós com ela.



Espiar um amigo não é agradável. Mas não podia deixar que acontecesse alguma coisa a Sir Henry.

De repente, vi que não era eu o único que os vigiava.



Houve uma breve discussão antes de Stapleton levar a irmã. Sir Henry estava zangado por não poder estar a sós com ela.

Isto intriga-me, Watson! Eu sinto que ela foi feita para mim!



Pedi-a em casamento! Antes que ela respondesse, o irmão apareceu como um louco!

É muito estranho.

Para nossa surpresa, recebemos a visita de Stapleton nessa tarde. Queria falar com Sir Henry em particular.

Pedi desculpa e disse que a ideia de ficar sem a irmã o perturbava.



Disse que precisava de mais tempo para se habituar à ideia. Pedi-me que fosse amigo dela por mais três meses. Convidou-me para jantar na sexta-feira.

Depois voltámo-nos para os passeios nocturnos de Barrymore.



*Barrymore pareceu
surpreendido e assustado ao
ver-nos. Sir Henry
perguntou-lhe o que ia fazer.*

Nada, senhor!
Estou a
verificar as
janelas!



Ouçá,
Barrymore,
nós queremos
a verdade!

Por favor,
senhor! E
segredo e
não posso
dizer!



A sua família vive com a
minha há muitos anos e
você está agora contra
mim!

Não, senhor. Não é
contra si! É tudo obra
minha!



O meu irmão está a morrer de
fome na charneca. A vela era o
sinal de que a comida estava
pronta. A luz dele mostra-nos
onde levá-la.

O seu irmão
é o assassino
que fugiu?



É verdade,
senhor.
É tudo
verdade!

Não posso
culpá-lo por
proteger a sua
mulher. Falaremos
amanhã de
manhã.

Pusemo-nos a atravessar a charneca. Era nosso dever levar aquele homem de volta a um lugar onde não fizesse mal.



De repente, ouviu-se um grito estranho que eu já ouvira.



Serão verdadeiras essas histórias?

Meu Deus, o que é isto, Watson?

Dizem que é o uivo do Cão dos Baskervilles!

Voltamos para trás?

Não! Vamos em frente, mesmo que a charneca esteja cheia de demónios!



E assim fizemos.



Mas antes de podermos
chamar o homem, ele
viu-nos e fugiu.



Embora o pudesse parar
com um tiro, trouxera a
arma só para me defender.
Não podia disparar contra
um homem desarmado.

Corremos
atrás dele,
mas
percebemos
que nunca o
apanhá-
mos.



De volta a casa, aconteceu algo
estranho. Vi a figura de outro
homem que nos observava.



Era alto e magro. Quando quis
avisar Sir Henry, ele
desapareceu.

Na manhã
seguinte, houve
uma pequena
cena depois do
pequeno-
almoço

Pensei que os
senhores não
interfeririam no
nosso segredo!

O homem é
perigoso! Pense
nos Stapleton que
viverem sozinhos!



Ele vai-se embora dentro de dias!

Que diz, Watson?



Se ele sáisse do país, pouparia dinheiro aos contribuintes!

Encontrámos os restos de uma carta no escritório dele. Ainda se percebia alguma coisa.



Não disse nada antes para proteger o nome do nosso patrão.

Vou já avisar Holmes. Isso é capaz de trazê-lo cá.



Fui para o meu quarto escrever a Holmes, certo de que esta notícia era importante.



Estamos a ajudar um criminoso! Descanse, não o vamos entregar.

É muito bondoso, senhor. Vou dizer-lhe a razão de Sir Charles estar ao portão na noite da sua morte!

Barrymore leu-nos os restos de uma carta queimada. A letra era de mulher e marcava encontro às 10 horas no portão da charneca.



Pedia também que queimasse a carta. Assinara L.L. Fora enviada de Coombe Tracy*.



* cidade próxima

No dia seguinte choveu. Pensei em Selden ao frio da charneca. Pobre diabo! Estava a pagar os crimes que cometera!



De volta a casa, o Dr. Mortimer deu-me boleia. Perguntei-lhe se conhecia uma mulher cujas iniciais fossem L.L.

Hmmmm.
A Laura Lyons,
mas ela vive em
Coombe Tracy!



Dado que casara contra a vontade do pai, este não quis ajudá-la.



E aquela figura que eu vira, o homem que nos observava?



De tarde, vesti a gabardina e fui passear para a charneca. Não encontrei vestígios do homem que vira dois dias antes.

Quem é ela?



O velho Frankland que vive na charneca é seu pai. Ela casou com um artista chamado Lyons que depois fugiu.

Mortimer disse que Stapleton e Sir Charles a tinham ajudado a montar um escritório de dactilografia para que vivesse honestamente.



Nessa noite, Barrymore deu-me mais notícias. Nada sabia de Selden e a comida dele desaparecera. Acrescentou que talvez tivesse sido levada pelo outro estranho!

Como? Sabe da existência do outro?



Selden contara-lhe que o homem vivia nas grutas da charneca. Uma criança levava-lhe comida.



Muito bem!
Voltaremos a falar nisto mais tarde.

Depois destas notícias, senti que não tardaria a descobrir mais coisas.

No dia seguinte, depois de as contar a Sir Henry, fui visitar a Sra. Lyons.

Escreveu a Sir Charles a pedir-lhe para se encontrar consigo?



Senhor, que pergunta estranha!

Desculpe, mas tenho de insistir nela.

Eu não fiz semelhante coisa!



Deve estar enganada. Eu cito: «Se é cavalheiro, queime esta carta...»

Já não existem cavalheiros?



Não culpe Sir Charles. Há cartas que se lêem depois de queimadas.



A Sra. Lyons escrevera a Sir Charles por precisar de dinheiro para o divórcio. Mas não chegara a encontrar-se com ele porque outra pessoa lhe emprestara o dinheiro.

Porque não escreveu a Sir Charles a contar-lhe isso?

Tê-lo-ia feito, se não tem sido a sua morte. Vinha no jornal do dia seguinte.



Senti que parte do que ela contara era verdade. Mas quanto mais pensava no seu rosto e nos seus modos mais sentia que me escondia alguma coisa.



*Tive sorte no regresso a casa.
Ao passar à sua porta, o
Sr. Frankland chamou-me.*

Dr. Watson!
Venha tomar
um copo de
vinho.



*Mandei o condutor para casa
para poder voltar pela charneca.
Queria examinar as grutas.*



*Frankland estava
sempre em luta com
alguém. Naquela
altura era com a
gente da cidade e a
polícia. Disse-me que
sabia segredos que
eles gostariam de
conhecer.*

**Sabe alguma coisa do
criminoso que eles
procuram?**



**Não, mas uma
criança leva-lhe
comida. Vejo-a
todos os dias pelo
telescópio*.
Venha ver!**

*Que sorte!
Barrimore dissera
que um rapaz levava
comida ao estranho.
Prometi a
Frankland não
contar o seu
segredo a ninguém.*



* aparelho de observação à distância que aumenta os objectos

Despedi-me dele o mais depressa que pude e fui atrás do rapaz.



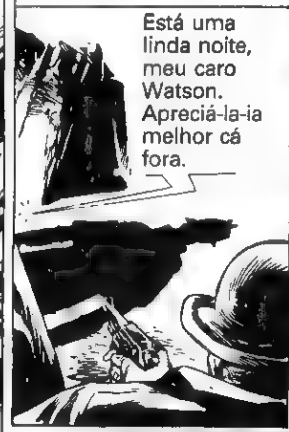
Por fim, cheguei perto do esconderijo. O seu segredo era quase meu.



Atravessei com cuidado a entrada da gruta. Estava vazia. Sentei-me a um canto escuro e esperei o regresso do homem que lá vivia.



Ao anoitecer ouvi passos. Puxei da arma e preparei-me.



Está uma linda noite, meu caro Watson. Aprecia-la-ia melhor cá fora.

Holmes!
Holmes!

Tenha cuidado
com a arma!

Nunca gostei
tanto de ver
alguém!

*Primeiro, fiquei
feliz. Depois,
senti que fora
enganado.*

Depois de
juntarmos as
nossas descobertas
o caso estará quase
resolvido.

Ficou
surpreendido, hã?

*Então Holmes
contou-me porque
era importante estar
escondido! Não
queria que os nossos
inimigos o soubessem
ligado ao caso.*

Porque não me
avisou? E os meus
relatórios?

*Holmes, tirou-os
da algibeira.
Percebi que os
lera com
cuidado. Depois
contei-lhe os
resultados da
minha visita a
Laura Lyons.*

Parece haver laços fortes entre ela e o Stapleton. Veremos o que vai acontecer quando ela souber da mulher dele.



A mulher dele?

Sim, a senhora que passa por Miss Stapleton é mulher dele.



Deus do céu, Holmes! Tem a certeza disso?

Holmes soubera da escola dos Stapleton pelos meus relatórios. Depois de algumas investigações fizera importantes descobertas.



Soube do encerramento de uma escola muito parecida com a dos Stapleton. Tinha havido um crime e o dono fugira com a mulher. Ao saber que esse homem estudava insectos, desconfiara de que era Stapleton.



Então é o nosso inimigo? Foi ele que seguiu Sir Henry em Londres?

O fim aproxima-se. Watson, não devia estar com Sir Henry?

Meu Deus! O que é isto?



SOCORRO! SOCORRO!
000-000-000

Nesse momento, um terrível grito humano ecoou na charneca. Gelou-me o sangue nas veias. Seguiu-se o horrível uivo do Cão dos Baskervilles.

Fui louco em esperar!
Watson, não o deveria ter
deixado só! Mas havemos
de chegar ao fundo
disto!



*Era inconfundível o
fato que Sir Henry
usara no primeiro dia
que fora a Baker
Street.*

Oh, Holmes,
nunca me
perdoarei!



Watson, a
barba! A barba!
O homem tem
barba!

*O pobre Selden
vestia um dos fatos
de Sir Henry que
Barrymore lhe
levava.*

O cão foi posto na sua
pista através da bota; a
que foi roubada do hotel!



Olhe quem lá vem!
É ele! Nem uma
palavra sobre isto!

*Era Stapleton. Pareceu
surpreendido ao ver-nos,
mas veio até nós.*

Dr. Watson, é a última pessoa
que esperaria encontrar aqui.
Meu Deus, o que é isto? Está
alguém ferido?



Quem...
quem é ele?



*Dissemos-lhe que era o homem
que fugira da cadeia. Parecia
ter partido o pescoço ao cair nas
rochas.*

E que pensa disto,
Sr. Sherlock
Holmes?



Conheceu-me
depressa! Não tenho
resposta nem terei,
dado que regresso
amanhã a Londres.
Mas a resposta deve
ser simples.

Amanhã?
Esperávamos a sua
ajuda para resolver
este mistério.



*De forma muito clara,
Holmes explicou que
um detective só
trabalha com factos e
não com histórias.
Disse que este caso era
muito estranho.*

Tapámos o corpo e fomos depressa para a Mansão Baskerville

Lamento que ele o tenha visto.

Pode levá-lo a fazer algo precipitado mais depressa.

Não fale no cão a Sir Henry. Deixe-o pensar que a morte de Selden foi como contou a Stapleton.

Holmes tinha a certeza de que Sir Henry precisaria de nervos fortes para o dia seguinte. Seria a única forma de apanhar Stapleton.

Sir Henry ficou mais contente do que surpreendido ao ver Sherlock Holmes.

Bem-vindo, senhor!

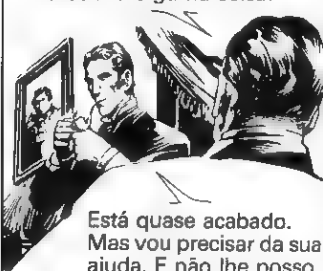
Durante o jantar, contámos a Sir Henry o que podíamos contar.

Coube-me dar a triste notícia a Barrymore e à mulher. Ele pareceu aliviado, mas ela chorou durante muito tempo.



Para o mundo, Selden fora metade animal, metade demônio. Para ela, seria sempre o irmão mais novo.

Como vai o caso? Já descobriu alguma coisa?



Está quase acabado. Mas vou precisar da sua ajuda. E não lhe posso dizer porquê agora.



Como queira.

Se fizer isto, creio que o nosso problema depressa se resolverá.

Holmes parou de falar de repente e fixou um ponto por cima da minha cabeça.

O que é?



Desculpem estar a olhar, mas acho estes retratos de família muito interessantes!



Aí está a causa de tudo isto. Este é Hugo, que começou a história do Cão dos Baskervilles.



Parece um homem tranquilo, apesar de haver algo de demónio nos seus olhos.



Holmes falou mais um pouco, mas eu via que o seu interesse ia para o retrato de Hugo.



Só depois de Sir Henry se deitar é que ele me levou de novo à sala de jantar para me contar o que pensava.

Deus do céu!
É o Stapleton!



Ah, está a ver!
Ele é um Baskerville,
sem dúvida!

E tenciona ser
o próximo
herdeiro*?



Exactamente! Este retrato é
o elo que faltava. Amanhã
à noite ele cairá na nossa
rede como uma das suas
borboletas.

*Holmes começou a rir
como raramente fazia.
Poucas vezes o ouvi,
mas significa sempre
azar para alguém.*

*Holmes levantou-se cedo. Voltava
de participar a morte de Selden
quando o encontrei à entrada*

Bom dia,
Holmes!
Parece um
general que
planeia a
batalha.

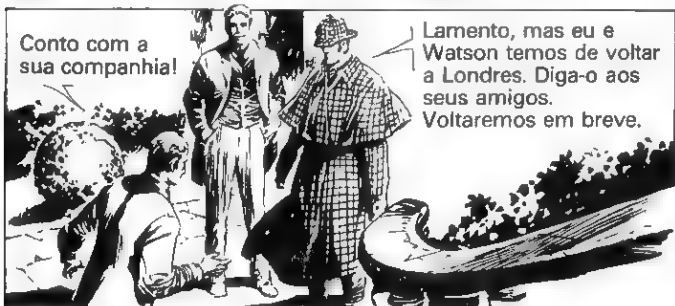
Sim. Watson estava a
pedir-me ordens.



Muito bem.
Foi convidado
para jantar em
casa do
Stapleton esta
noite?

E eu
também!

Conto com a
sua companhia!



Lamento, mas eu e
Watson temos de voltar
a Londres. Diga-o aos
seus amigos.
Voltaremos em breve.

* pessoa que recebe os bens daquele que morre

Esperava que me ajudasse nesta altura difícil!



Meu caro amigo, confie em mim. Prometeu-me que faria o que lhe dissesse.



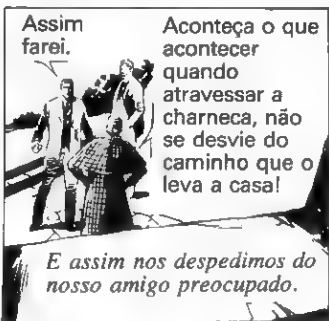
Quero que vá para a Casa Merripit e mande regressar a carruagem. Os Stapleton devem saber que vai voltar a pé.

Mas avisou-me que nunca o fizesse!



Desta vez, pode fazê-lo em segurança! Lembre-se, faça o que lhe digo!

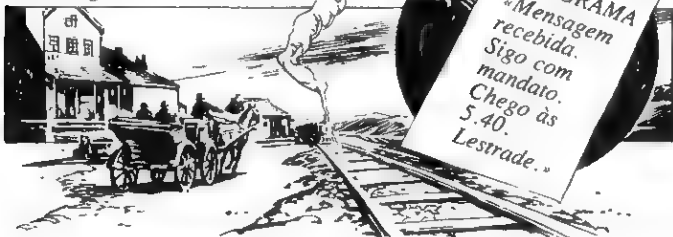
Assim farei.



Aconteça o que acontecer quando atravessar a charneca, não se desvie do caminho que o leva a casa!

E assim nos despedimos do nosso amigo preocupado.

Fomos à estação de Coombe Tracy onde Holmes recebeu um telegrama.



TELEGRAMA
« Mensagem recebida.
Sigo com mandato.
Chego às 5.40.
Lestrade. »

É um ótimo polícia.
Podemos precisar dele.
Vamos visitar a
Sra. Laura Lyons.



*O seu plano
começava a
tomar
forma.
Sir Henry
diria a
Stapleton
que
tínhamos
partido mas,
de facto,
estávamos
ali perto*

É um assassínio que
está ligado ao seu
amigo, Sr. Stapleton. E
à mulher dele também.



À mulher dele?
Ele não é
casado!

*Holmes mostrou-lhe uma
fotografia com 4 anos. O
nome não era o mesmo, o
casal, contudo, era Jack e
Beryl Stapleton.*



Ele queria casar
comigo se eu me
divorciasse!

Ele mentiu-me! Nunca pensei
que ao escrever aquela carta
fosse prejudicar Sir Charles, o
meu querido amigo!



Foi Stapleton que lhe sugeriu
que a escrevesse?



Ele disse o
que devia
escrever!

Quando soube da morte de Sir Charles, fê-la jurar que não diria nada?

Ele meteu-me medo. Disse que teria problemas se se viesse a saber a verdade.

Deve ter dito que precisava da ajuda de Sir Charles para arranjar dinheiro para o divórcio.

Sim. Mas depois disse que não deixaria ninguém ajudar-me. Por isso, não fui ao encontro com Sir Charles.

Eu julgava que o conhecia. Se tem sido franco comigo eu teria feito o mesmo com ele.

Ele estava nas suas mãos e sabia-o. Mas a senhora está viva. Tem sorte. Bom dia, Sra. Lyons. Voltaremos a dar notícias.

O nosso caso está a acabar! Está quase no fim!

*Fomos buscar
Lestrade à
estação.*

Este caso é como
aquele outro passado
na Rússia. Mas este
tem coisas que são
únicas!



Alguma
coisa boa?

A melhor de há uns anos para
cá. Vamos jantar. Depois
vamos apanhar o bom ar da
charneca. Nunca lá esteve? Ah,
então não creio que esqueça a
sua primeira visita!



*Caminhávamos para a
fase final do caso e
Holmes não dissera
nada. Limitava-me a
adivinhar o que ele iria
fazer.*



A conversa foi interrompida devido à presença do condutor. Fiquei satisfeito quando ele se foi embora e nós começámos a atravessar a charneca.

Está armado, Lestrade?

Enquanto tiver as calças vestidas, terei bolsos. Enquanto tiver bolsos, terei a arma.



Está muito calado, Sr. Holmes. Qual o jogo que se vai seguir?

Um jogo de espera. Ali à frente está a Casa Merripit, o fim da nossa viagem. Ande em bicos de pés e fale baixo.

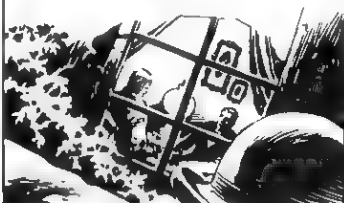


Sim, vamos esconder-nos aqui. Watson, vá lá à frente ver o que estão a fazer. Mas não os deixe perceber que estão a ser vigiados!

Fui em bicos de pés até um muro baixo que rodeava o jardim.



Stapleton falava alto e Sir Henry estava pálido. Talvez a ideia de voltar a pé pela charneca estivesse a preocupá-lo.



Enquanto eu vigiava, Stapleton veio cá fora a outra casa no jardim. De lá de dentro vinham sons estranhos. Depois voltou para casa.



Watson, diz que a senhora não está lá?

Sim, e é estranho!



De repente, vimos um nevoeiro espesso que vinha do atoleiro de Grimpen em direcção a nós.

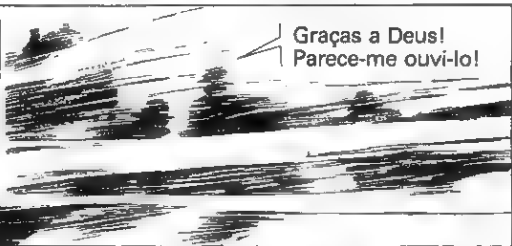


Vem para
cá.



O nosso êxito e a vida
dele dependem de ele
sair antes do nevoeiro
cobrir o caminho.

A massa
branca
aproximava-se
cada vez mais
da casa.



Graças a Deus!
Parece-me ouvi-lo!

Sir Henry
passou perto de
nós. Enquanto
andava ia
olhando para
trás como quem
tem medo.



De repente,
ouviu-se uma
série de batidas
vindas da casa e
em nossa
direcção.



Cuidado!
Vem aí!

Não poderia haver coisa mais horrível do que aquela forma que saiu do nevoeiro.



O que vimos surpreendeu-nos tanto que o deixámos passar sem querer.



Então, Holmes e eu disparámos ao mesmo tempo. A criatura soltiu um uivo horrível que dissipou os nossos receios. Era real, não era um fantasma!

Nunca vi um homem correr como Holmes correu naquela noite. Eu sou rápido, mas ele ultrapassou-me.



À nossa frente, ouvimos os gritos de Sir Henry e o uivo profundo do cão.



O animal saltou sobre Sir Henry. Mas, no momento preciso, Holmes despejou o revólver sobre o cão. O terrível gigante estava enfim morto.



Afinal que coisa
horível era
aquela?

Está morto, fosse lá o
que fosse! Acabámos
de vez com o
fantasma da família!

*Sir Henry sofrera um tal choque pelo seu encontro com o
cão, que precisaria de umas férias para esquecer o que lhe
acontecera.*

*Apesar de
morto, as
mandíbulas*
do cão
pareciam
deitar
chamas!*

É fósforo**!

Muito
inteligente!

*Deixámos
Sir Henry e
fomos procurar
Stapleton a casa.
Descobrimos
que um dos
quartos de cama
estava fechado
à chave.*



* queixo

** substância que brilha na escuridão

Holmes
rebentou a
fechadura.
Mas, o que
encontrámos
surpreendeu-
-nos.



Sir Henry está salvo? O Stapleton
amarrou-me quando eu disse
que não fazia o que ele queria!

Sim, senhora.
Onde está o seu
marido?
Ajude-nos e
redima-se*!



Há uma velha mina de
estanho no atoleiro de
Grimpen. Era lá que ele
guardava o cão.



* pagar os seus erros

Só pudemos ir
atrás dele de
manhã.

A Sra. Stapleton
levou-nos por um
atalho.

Descobrimos lá
um dos sapatos
de Sir Henry.

Exactamente!
Stapleton
serviu-se dele
para levar o cão
a perseguir
Sir Henry.
Depois deitou-o
fora. Sabemos
que chegou até
aqui!

Nunca
saberíamos
mais do que
isto. Não
encontrámos o
menor vestígio
de pegadas.

Nunca ajudámos a
libertar a sociedade de
um homem tão perigoso!

Se a terra contava a verdade, e eu acho que sim,
Stapleton nunca chegou ao atoleiro. Deve ter sido
apanhado pelo pântano, o lugar adequado à morte
de um homem tão cruel.

FIM

PERGUNTAS

1. Quem era o Dr. James Mortimer? Que papel desempenhou ele nesta história misteriosa?
2. Porque veio Sir Henry Baskerville do Canadá para a Inglaterra? Que lhe aconteceu de estranho no hotel no dia seguinte à sua chegada?
3. Porque foi o Dr. Watson com Sir Henry para a Mansão Baskerville?
4. Quem eram os Stapleton? Que tentara fazer o Sr. Stapleton ao longo da história? Porquê?
5. Para além de Selden, um prisioneiro fugido, havia mais alguém a viver numa gruta na charneca. Quem era e o que fazia ali?
6. Quem era Laura Lyons? Qual o seu papel nesta história?
7. No fim, descobre-se o mistério do Cão dos Baskervilles. O cão que matou Sir Hugo era o mesmo que matou Sir Charles e atacou Sir Henry? Como sabes?
8. Quando a história acaba, Stapleton desapareceu. O que é que achas que lhe aconteceu? Porquê?

PALAVRAS A APRENDER

lenda
maldição
charneca

pré-histórico
telescópio
herdeiro

uivo
pântano
mandíbula

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotevisão Portuguesa
e Editorial Publica
no âmbito do
Ano Internacional da Juventude



volumes publicados:

Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS
Lewis Wallace BEN HUR

Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO
Anna Sewell O CAVALO PRETO

H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS

Rudyard Kipling LOBOS DO MAR

Sir Walter Scott IVANHOE

Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL

Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES

a publicar:

Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO